

Crise financeira ameaça Liceu de Artes

Presidente do conselho superior atribui situação ao governo Fleury e a um mau negócio com o Irã

ROSA LUIZÁ BAPTISTELLA

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo enfrenta sua primeira crise financeira em 123 anos de existência. A instituição já teve até falência requerida por um fornecedor. O presidente do conselho superior, Carlos Cardoso de Almeida Amorim, não revela o montante da dívida. Segundo Amorim, levandades do governo Fleury e um negócio mal articulado com o governo do Irã, aliados à atual conjuntura econômica, proporcionaram a inadimplência.

Sem fôlego para manter os cursos técnicos e artísticos que atendem a mais de 4 mil pessoas, o liceu recorre ao poder público. Amorim aposta na aprovação de um projeto do prefeito Paulo Maluf em trâmite na Câmara Municipal, prevendo subvenção de US\$ 2,5 milhões à instituição. Também pretende buscar apoio do governo federal para cobrar do presidente iraniano Hachemi Rafsanjane a dívida de US\$ 5 milhões, vencida há um ano e meio.

Rasteira — Entre 1873 — quando foi fundado — até 1905, o Liceu de Artes e Ofícios foi mantido pela produção dos alunos da escola técnica, que funciona até hoje e atende uma média de 1.500 alunos por ano gratuitamente. A partir daquela data, a escola passou a ser financiada pelo braço industrial do Liceu — a Lao Indústria — que produz basi-

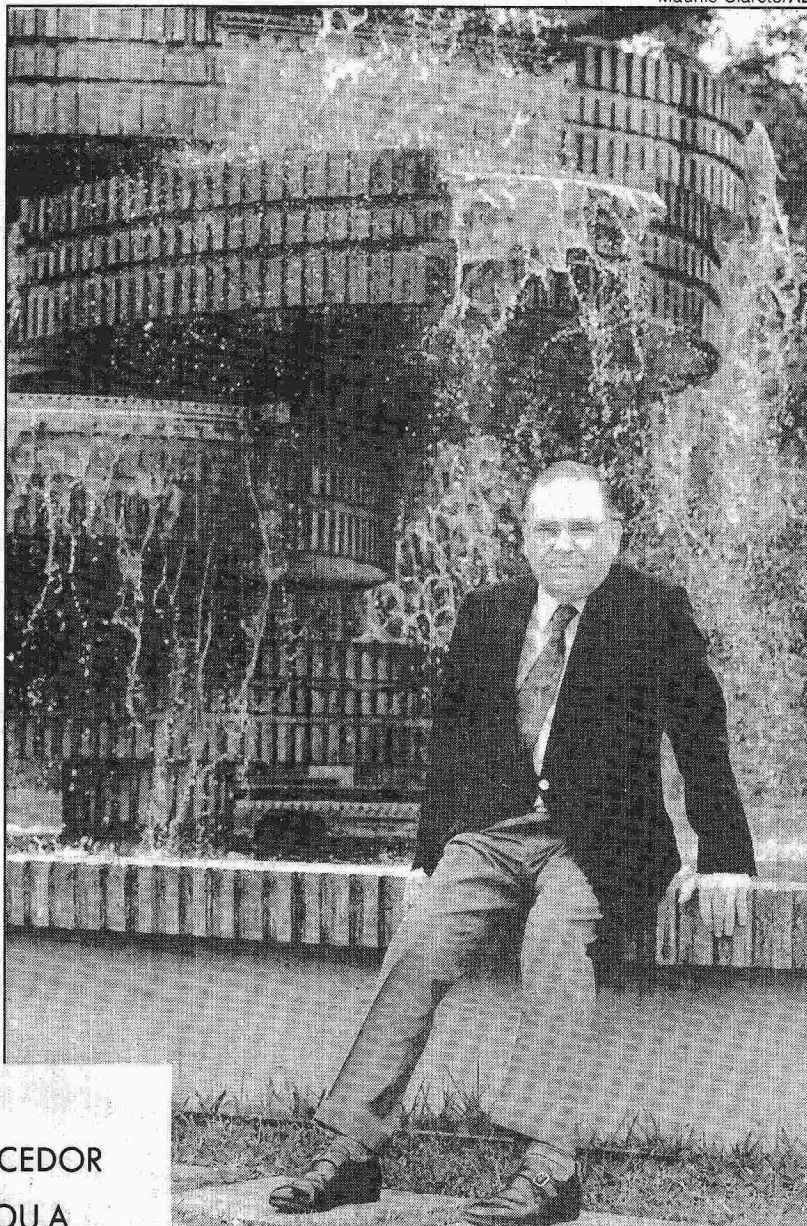
FORNECEDOR
CHEGOU A
REQUERER
FALÊNCIA

vil de direito privado, sem fins lucrativos, dirigida por dois conselhos e uma diretoria executiva. A

camente equipamentos de medição e ferragens. Hoje é uma sociedade ci-

instituição, que mantém ainda um centro cultural, gasta por ano com a escola técnica US\$ 8 milhões.

"O Liceu levou um tombo do governo Fleury", acusou o presidente. "A Sabesp comprou US\$ 5 milhões em hidrômetros e pagou



Maurilo Clareto/AE

Amorim: "O Liceu levou um tombo do governo Fleury"

com títulos (debêntures) descontáveis em mais de 30 meses." Negociados com o Banespa, os papéis — com deságio — renderam US\$ 3 milhões. Resultado: prejuízo de US\$ 2 milhões.

Prejuízo — Outra "rasteira" foi uma concorrência para o fornecimento de 150 mil medidores de gás à Comgás. "Sem conhecer nossos preços, com pretextos sórdidos, o governo Fleury fez uma concorrência indecente e escolheu o Japão para fornecer o equipamento", afirmou Amorim. Com isso, explicou, a Lao deixou de ganhar US\$ 7 milhões.

Luiz Apolinário Neto, que foi presidente da Sabesp e diretor da Comgás durante o governo Fleury, explicou por meio de sua assessoria que o Liceu aceitou receber o pagamento em títulos. Quanto à concorrência, afirmou que o preço oferecido pela Lao era o dobro do apresentado pelo Japão.

O Liceu soma ainda um prejuízo de R\$ 5 milhões por causa de uma ação mal administrada pela diretoria executiva anterior com o Irã. "Os antigos executivos tiveram a insensatez de exportar medidores mediante carta de crédito para vencimento em um ano, já vencida há 18 meses", detalhou. Amorim acredita que o governo federal tem meios para pressionar o Irã a quitar o débito o mais rápido possível.

Uma reengenharia promovida pela atual diretoria reduziu de 1.265 para 964 o quadro de funcionários da Lao. A produção de medidores de água (80 mil por mês) está a plena carga e a de medidores de gás reduzida a um terço, o que diminui de US\$ 700 mil para US\$ 320 mil o faturamento mensal neste segmento. O presidente garantiu que o patrimônio imobiliário do Liceu é cinco vezes maior do que a dívida atual.